

O prazer de compartilhar

JAIME DE ALMEIDA

UnB, Universidade de Brasília

Durante o Seminário Internacional *História e polissemia da imagem*, ao comentar o texto de Maria Bernardete Ramos Flores sobre a obra de Ismael Nery, adotei uma forma de exposição que não posso reproduzir nesse texto. Apesar disso, não se justificaria fazer outro tipo de incursão no tema, de modo que tentarei manter aqui, na medida do possível, os mesmos objetivos, conteúdo e estilo daquela performance. [Uma leitura mais recente (Kundera: 1984) despertou-me certa curiosidade a respeito de um incidente relatado por Maria Bernardete. Murilo Mendes não cumpriu a última vontade de Sebastião Nery, de destruir todas as suas obras e, mais tarde, entregou-as a seus herdeiros, que imediatamente puseram-nas à venda].

É um grande prazer reencontrar a querida colega a quem conheci quando éramos os dois primeiros doutorandos dedicados à história de festas brasileiras. Já estivemos juntos em vários eventos acadêmicos voltados para a abordagem historiográfica dos fenômenos festivos. Tenho agora a satisfação de constatar que Maria Bernardete Ramos Flores (2007) mergulhou, nestes últimos doze anos, num outro universo fascinante e desafiador: *Tecnologia e estética do racismo. Ciência e arte na política da beleza*.

Ao ler o “paper” que seria apresentado por Maria Bernardete, eu não tinha nenhuma idéia de qual seria o grau de envolvimento da autora com a obra de um artista – Ismael Nery – ou com o seu nicho mais habitual, a história da arte. Muito menos ainda, não fazia idéia de que aquele texto se inseria numa audaciosa e competente aventura intelectual despertada pela leitura de um livro aparentemente pitoresco: *A cura da fealdade*, publicado pelo doutor Renato Kehl na editora de Monteiro Lobato em 1933. Nestes últimos doze anos, Maria Bernardete Ramos Flores enfrentou o desafio historiográfico de problematizar o que segue:

Para a *intelligentsia* brasileira, independente de onde estivesse posicionada, modernizar o Brasil passava por uma política cultural que aperfeiçoasse o povo brasileiro sob o tripé saúde, força e beleza. No afã de interpretar a cultura brasileira, fazer o diagnóstico e indicar os caminhos da regeneração, o campo conceitual formulado na Europa e a partir das problemáticas européias, na segunda metade do século XIX e na primeira do XX (por filósofos, como Schopenhauer, Nietzsche, Hipolyte Taine, Kant; racialistas, como Gustave Le Bon, Gobineau; sexólogos, como Krafft-Ebing, Havelock Ellis, Augusto Forel; a biotipologia de Kretschmer; a endocrinologia de Nicos Pende; a morfologia artística de Paul Richer; a antropometria de Lombroso, entre outros pensadores), foi trilhado pelos intelectuais brasileiros, cruzando pressupostos, conceitos, preconceitos e teorias, cujos procedimentos mesclavam concepções estéticas, valores morais e características físicas para “reformatar o povo brasileiro”. (Flores: 2007, p. 22-23).

Como já foi dito, não tratarei aqui de ultrapassar a reduzida capacidade de recepção que tinha quando aceitei, com muita curiosidade, a tarefa de comentar o “paper” de Maria Bernardete Ramos Flores. Espero que os leitores percebam a importância do livro e façam como eu: tratem de adquiri-lo e coloquem-no em sua lista de leituras obrigatórias para os próximos meses!

O Seminário Internacional *História e polissemia da imagem*, proposto e realizado por Nancy Alessio Magalhães, foi um evento muito importante para consolidar a consciência da importância da imagem no campo da História Cultural. O público-alvo mais diretamente envolvido eram os alunos, pesquisadores e professores do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Foi na condição de professor da Área de Concentração em História Cultural, e de ex-professor de História da Arte, que procurei sugerir aos nossos alunos algumas formas de ler e de reagir a um texto tão instigante como o “paper” de Maria Bernardete Ramos Flores.

Em primeiro lugar, tratei de valorizar um hábito tão fascinante que chega a parecer um vício: ler perguntando, ler pesquisando. Para quem já experimentou, por exemplo, procurar um mapa e ler com mais prazer um bom livro de viagens, ou para quem sabe apreciar as bibliotecas, em cujas prateleiras cada livro costuma ter ao lado muitos outros livros igualmente interessantes, a internet é uma aventura embriagadora... O próprio texto de

Maria Bernardete Ramos Flores nos convida a acompanhá-la e sair à procura de cópias das obras de Ismael Nery disponibilizadas no portal Itaú Cultural.

Ao lidar com as ferramentas de busca na internet podemos adquirir ou desenvolver, de forma bem prática, um certo estilo de trabalho/diversão que evoca o famoso *paradigma indiciário* explicitado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1990). Qualquer assunto, qualquer detalhe pode transformar-se em objeto especial de nossa curiosidade e, se soubermos lançar perguntas pertinentes, nos idiomas adequados, podemos obter informação sofisticada e, principalmente, abrir muitas novas pistas, muitas novas questões que demandarão mais pesquisa.

Pesquisando na internet por imagens de, ou relativas a Ismael Nery, tomei conhecimento da peça *Nu Nery*, de Carlos Correia Santos. Concluída em 2003 após cinco anos de trabalho, a peça recebeu o Prêmio IAP de Literatura em 2004 e, em seguida, o Prêmio Funarte Petrobras de Fomento ao Teatro. Com montagem do Grupo Palha, de Belém do Pará, e direção e encenação de Paulo Santana, a peça foi selecionada pela Caravana Funarte Petrobras de Circulação Nacional, pela Caixa Cultural da Caixa Econômica Federal e pelo Festival Brasileiro de Teatro. As imagens e os textos disponibilizados no endereço eletrônico <http://nunery.blogspot.com/> mostram que, enquanto Maria Bernardete Ramos Flores pesquisava Ismael Nery como historiadora, outras pessoas o pesquisavam como artistas. Um belo tema a discutir, os entrelaçamentos conscientes e inconscientes entre o fazer acadêmico e o fazer artístico!

Um outro desdobramento da leitura do texto de Maria Bernardete foi a curiosidade acerca da vida de Adalgisa Nery. Casada aos 16 anos com Ismael Nery, pobre e precariamente escolarizada, tornou-se uma personagem marcante nos círculos da arte, da cultura e da diplomacia. Tendo enviuvado em 1934 com 29 anos de idade, casou-se em 1940 com Lourival Fontes, o célebre diretor do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do Estado Novo. No México, onde Lourival Fontes foi embaixador, ela se aproximou de Frida Kahlo (em cujas obras Adalgisa Nery pode ter visto certas afinidades com aquelas da fase final de seu falecido marido) e dos muralistas Rivera, Orozco, Siqueiros e Tamayo. Após separar-se de Lourival Fontes em 1953, tornou-se uma jornalista muito conhecida e foi eleita deputada pelo Partido Socialista Brasileiro e, depois, pelo Movimento Democrático Brasileiro, tendo os seus direitos políticos cassados pela ditadura militar em 1969. Eis aqui um outro

JAIME DE ALMEIDA

fio a perseguir, um belo tema de pesquisa que talvez interesse a algum(a) estudante, ou a um(a) leitor(a) deste breve comentário.

Agradecemos a Maria Bernardete Ramos Flores por trazer-nos um fragmento sugestivo de sua importante pesquisa sobre a história cultural da ciência e da arte na política da beleza, e por despertar em nós o desejo de compartilhar com ela o prazer pela pesquisa!

BIBLIOGRAFIA

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo. Ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

KUNDERA, Milan. *Testamentos traídos*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.